

VIA TEOLÓGICA

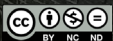
Volume 25 – Número 49 – jun. / 2024

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

DESENVOLVENDO A SALVAÇÃO PELA GRAÇA SANTIFICADORA DE DEUS: UMA ANÁLISE DE FILIPENSES 2.12-13

Dr. Vinícius Couto



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

DESENVOLVENDO A SALVAÇÃO PELA GRAÇA SANTIFICADORA DE DEUS: UMA ANÁLISE DE FILIPENSES 2.12-13

DEVELOPING SALVATION BY GOD'S SANCTIFYING GRACE: AN
ANALYSIS OF PHILIPPIANS 2.12-13

Dr. Vinícius Couto¹

¹ Pós-doutorando em Educação, Artes e História pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e Mestre pela Faculdade Batista do Paraná. Teólogo e Historiador. Atua como professor da Faculdade Evangélica de São Paulo e do Seminário Teológico Nazareno do Brasil. E-mail: prviniciuscouto@yahoo.com.br

RESUMO

O presente ensaio discute a perícope de Filipenses 2.12-13, com ênfase especial à tradução dos vocábulos **κατεργάζεσθε** e **ἐνεργῶν**. Qual seria a melhor tradução para essas palavras gregas? Nossa hipótese é que a primeira traga o sentido de “desenvolvimento”, enquanto a segunda a conotação de “impulsionar”. Nossos objetivos são apresentar as bases que as versões brasileiras têm usado para suas traduções, comparando o *Textus Receptus* e as principais edições do *Texto Crítico* de Westcott-Hort e Nestle-Aland, contrastar as versões latinas que serviram de fonte para as traduções em português, defrontar as principais versões em português do texto bíblico em questão e fazer uma análise exegética da referida perícope. Esperamos que essa pesquisa possa contribuir com estudos exegéticos da epístola paulina aos filipenses e com um olhar crítico das traduções brasileiras.

Palavras-chave: Filipenses 2.12-13; teologia paulina; crítica textual.

ABSTRACT

The present essay discusses the pericope of Philippians 2.12-13, with special emphasis on the translation of the words **κατεργάζεσθε** and **ἐνεργῶν**. What would be the best translation for these Greek words? Our hypothesis is that the first brings the meaning of “development”, while the second connotation of “impulse”. Our objectives are to present the bases that the Brazilian versions have used for their translations, comparing the *Textus Receptus* and the main editions of the *Critical Text* of Westcott-Hort e Nestle-Aland, contrasting the Latin versions that served as a source for the Portuguese translations, confronting the main Portuguese versions of the text biblical passage in question and make an exegetical analysis of the referred

pericope. We hope that this research can contribute to exegetical studies of the Pauline epistle to the Philippians and with a critical look at Brazilian translations.

Keywords: Philippians 2.12-13; Pauline theology; textual criticism.

INTRODUÇÃO

Optar por uma única tradução da Bíblia é motivo de controvérsias, afinal, nenhuma tradução é inerrante e, naturalmente, segue a interpretação de seu(s) tradutor(es), que não é(são) neutro(s) em termos de espaço-tempo, confissão religiosa, pressupostos pessoais / institucionais e conhecimento do idioma original traduzido, dentre outras coisas. Tudo isso pode influenciar na leitura / tradução do texto e afetar seu sentido original, desdoando daquilo que o comunicador queria transmitir para seus interlocutores. No processo original de comunicação dos textos bíblicos, o emissor (codificador da mensagem) tinha objetivos que lhes eram claros e, sobretudo, inspirados pelo Espírito. No entanto, o receptor da mensagem precisava (e precisa, hoje) decodificá-la, a fim de entender os objetivos do autor-emissor. Ferramentas hermenêuticas e de crítica literária, como as críticas da forma, da redação e das fontes, certamente ajudarão na decodificação. No entanto, a tradução passa por mais etapas, pois ela precisa lidar com a decodificação da mensagem original e com o desafio de retransmitir essa mensagem para outro idioma, recodificando-o sem perder a essência do código original.

Em geral, no processo de tradução, leva-se em conta a noção de *equivalência dinâmica* e de *equivalência formal*, conceitos desenvolvidos por Eugene Nida (1914-2011)². De acordo com ele e Charles Taber (1928-2007), a equivalência dinâmica diz respeito à “qualidade de uma tradução na qual a mensagem do texto original foi tão transportada para a língua receptora, que a resposta do receptor é essencialmente semelhante à dos receptores originais” (NIDA; TABER, 1969, p. 200). Já a equivalência formal envolve a “qualidade de uma tradução em que as características da forma do texto fonte foram reproduzidas mecanicamente na língua receptora” (NIDA; TABER, 1969, p. 201). É difícil dizer que apenas uma das equivalências seja suficiente. O mais apropriado

2 O desenvolvimento dos conceitos pode ser visto especificamente em NIDA, 1964, p. 38, 120ss.

do é usar ambas. Existem palavras que, no idioma original, não conseguimos encontrar uma tradução literalmente similar à do idioma a ser traduzido. Por isso, uma dinamicidade será exigida no processo de tradução. O grande desafio é não perder a essência do sentido que o texto original carrega.

Por isso, estamos interessados em analisar a passagem dos versículos 12 e 13 do segundo capítulo da epístola de Paulo aos filipenses. Nesse texto, encontramos orientações gerais com relação à vida de santidade. Contudo, diante de uma decodificação do texto, essa diretiva pastoral assume uma via exclusivamente monergista ou pode ter algum grau de sinergismo? Deus é o agente exclusivo nessa santificação ou o ser humano possui agência e responsabilidade tal que deva responder à ação santificadora divina? O texto possui variedades de tradução e interpretações diversas. No entanto, é possível uma equivalência formal no texto? Se sim, a opção por uma tradução mais literal ofuscaria a comunicação com leitor contemporâneo? Nesse caso, seria melhor uma equivalência dinâmica, em que o sentido geral da perícopes seja traduzido para uma linguagem mais moderna do leitor atual? O presente ensaio compara algumas traduções disponíveis em português tendo em vista os manuscritos gregos em que eles se baseiam e analisa a perícopes com vias à uma análise exegética.

60

1. AS BASES DE FILIPENSES 2.12-13 NO *TEXTUS RECEPTUS* E NO *TEXTUS CRÍTICO*

O *Textus Receptus* (doravante, *TR*) diz respeito à sucessão de traduções do Novo Testamento em grego que foram publicadas pelo menos desde o *Novum Instrumentum omne* de Erasmo de Rotterdam (1466-1536), em 1516. Essa tradução foi importante não apenas para as discussões que antecederiam os trabalhos de crítica textual, mas colaborou para que se tivesse uma nova

perspectiva sobre a importância da Bíblia em linguagens vernaculares. Logo no prefácio da obra, no *Paraclesis ad lectorem pium*, Erasmo critica o escolasticismo rígido de sua época, alegando que tal método conduzia a investigações intermináveis e defende a importância de não apenas os intelectuais terem acesso aos textos com os idiomas originais (i.e., hebraico, aramaico e grego). Esse argumento abria para a possibilidade de democratizar a leitura bíblica, bem como contrariar a política monopolista da Igreja Católica quanto à versão oficial como sendo a Vulgata, visto que o latim também não era um idioma acessível à maioria das pessoas simples, que eram, majoritariamente, analfabetas.

Ao pensarmos na relevância que a obra de Erasmo teve para o desenvolvimento e estabelecimento do *TR* não podemos deixar de mencionar que, seu trabalho teve influências notáveis da tradução do humanista italiano Lorenzo Valla (1407-1457), que publicou sua *Adnotationes in Novum Testamentum* em 1453, obra essa que teve papel importante para a tradução erasmiana. Sabe-se que, Erasmo teve acesso a essa tradução de Valla em 1504, época que estava na abadia de Premontre. Fabrina M. Pinto explica a importância dessa obra para Erasmo:

Acreditamos que esta descoberta tenha influenciado diretamente a sua elaboração de um novo comentário sobre o texto bíblico (que começou a ser escrito entre os anos de 1505 e 1506), confirmando seu interesse não apenas pelas pesquisas filológicas de Valla, como também por sua erudição, ao comparar inúmeros textos, incluindo os gregos, e ao examinar os elementos gramaticais e retóricos na formação da Vulgata, criticando algumas obscuridades em seu significado (PINTO, 2020, p. 257).

Nesse mesmo período, outras traduções da Bíblia eram feitas para vernáculos diversos, tais como o Novo Testamento para o inglês por William Tyndale (1484-1536), em 1525; a de Martinho Lutero (1483-1546) para o alemão, que publicou o

Novo Testamento em 1522 e o Antigo em 1534³; a *Editio Regia* de Robert Estienne (1503-1559), publicada em 1550⁴; o *Iesu Christi Domini Nostri Novum Testamentum* de Teodoro de Beza (1519-1605), publicado em 1594 (cuja quarta edição se deu em 1598);⁵ a Bíblia King James, publicada em 1611, mas que foi traduzida desde 1604 diretamente dos idiomas originais por uma equipe de 47 tradutores; e muitas outras (e.g., a Bíblia Coverdale, de 1535, a Bíblia de Mateus, de 1537, a Grande Bíblia, de 1539, a Bíblia de Genebra, de 1560 etc.).

Todas essas traduções colaboraram para a o estabelecimento do que viria a ser conhecido como Textus Receptus. Esse nome é uma derivação da obra editada por Abraham (1592-1652) e Boaventura Elzevir (1583-1652), que publicaram três edições do Novo Testamento grego em 1624, 1633 e 1641. Esse texto basicamente repete o de Beza, tendo aproximadamente 50 pequenas diferenças. No prefácio da obra, os editores escreveram: “Textum ergo habes, nunc ab omnibus receptum: in quo nihil immutatum aut corruptum damus” (Portanto, você tem o texto, agora recebido por todos: nele não damos nada alterado ou corrompido [grifos meus]) (ELZEVIR, A.; ELZEVIR, B., 1633, vol. 1, p. 2). Com a alteração do acusativo para o nominativo, o texto ficou mais conhecido como Textus Receptus.

Texto Crítico (doravante, *TC*) é uma nomenclatura usada para se referir às traduções que se baseiam na crítica textual de vários manuscritos antigos, como os *Codex Vaticanus* (séc. IV),

3 Vale mencionar que, Lutero contou com a ajuda de Philip Melanchthon (1497-1560) e Matthäus Aurogallus (1490-1543) para a tradução, sendo o primeiro estudioso de grego e o último de hebraico. Além disso, uma das bases de sua tradução do NT foi o *Novum Instrumentum omne* de Erasmo. Mais informações em REU, 1984..

4 Robert Estienne, ou Robertus Stephanus, na versão latinizada, dizia ter utilizado dezesseis manuscritos antigos para sua tradução, dentre os quais destacamos o *Codex Bezae*, datado do século V, o *Codex Regius*, do século VIII e diversos Minúsculos que variam entre os séculos XI e XIII e a *Poliglota Complutense*, do século XVI. ESTIENNE, 1550, n.p. Essas páginas não estão numeradas, mas ocupam praticamente as primeiras 27 páginas da obra, antes de iniciar o Evangelho segundo Mateus.

5 Beza utilizou com base o texto de Estienne, publicado em 1551, e fez poucas alterações, não chegando nem mesmo a cem. Mesmo assim, as mudanças não eram tão significativas, pois a maioria tinha a ver com alterações nos títulos dos livros e acentos diacríticos.

Sinaiticus (séc. IV) e *Bezae* (séc. V), e que, juntamente com outros manuscritos como a Peshitta e a Vulgata ajudam na análise manuscritológica de ir em busca do texto mais próximo dos autógrafos (i.e., os originais. Nesse caso, do NT). Uma das primeiras iniciativas nesse sentido se deu com os editores Brooke Foss Westcott (1825–1901) e Fenton John Anthony Hort (1828–1892), que publicaram o *The New Testament in the original Greek* em 1881, trabalho que estavam dedicados desde 1853. Esse texto ficou conhecido como Westcott-Hort, em homenagem aos editores. O trabalho foi positivo para a crítica textual, abrindo o caminho para outros estudiosos (cf. SCHUMACHER, 1923, p. 53), ao ponto de “a validade geral de seus princípios e procedimentos críticos é amplamente reconhecida pelos estudiosos hoje” (METZGER; EHRMAN, 2005, p. 136).

Outros estudiosos que contribuíram para o trabalho de crítica textual do texto do Novo Testamento foram Eberhard Nestle (1851-1913) e Kurt Aland (1915-1994). O primeiro publicou em 1898 seu *Novum Testamentum Graece cum apparatus critico ex editionibus et libris manu scriptis collecto*. Sua obra combinava outras edições críticas do século XIX, como a de Constantin von Tischendorf (1815-1874), a *Editio octava critica maior*, publicada entre 1869 e 1890,⁶ o *The New Testament in the original Greek* de Westcott e Hort, e a segunda edição de *The Resultant Greek Testament*, publicada por Richard Francis Weymouth (1822–1902) em 1892.⁷ Seu filho, Erwin Nestle (1883-1972), deu continuidade ao trabalho e publicou a 13ª edição em 1927. No começo da década de 1950, o biblista Kurt Aland (1915-1994) ingressou no trabalho editorial de Nestle. Descobertas de diversos manuscritos do Novo Testamento foram feitas, de modo que Nestle as utilizou,

6 Ele se baseou nos Codex Sinaiticus e Bezae, em 64 manuscritos unciais, outros em papiro e minúsculas, além de obras críticas como o *Novum testamentum graecum* de John Mill (1645-1707), publicado em 1707 e reimpresso em 1710, e o *Novum Testamentum Graecum editionis receptae* de Johann Jakob Wettstein (1693-1754), publicado entre 1751 e 1752..

7 A primeira edição foi publicada em 1886 e a terceira postumamente, em 1905. Ele usou os Codex Sinaiticus, Vaticanus, outros manuscritos unciais, o TR de Robert Estienne e a Poliglota Computense.

contribuindo com a 25ª edição em 1963. Devido às relevantes contribuições de Aland, o texto crítico passou a ser conhecido como Nestle-Aland. Atualmente, o *Novum Testamentum Graece* está em sua 28ª edição.⁸

Quando utilizamos a expressão *Texto Crítico*, atualmente, pensamos principalmente (mas não exclusivamente) nas versões gregas do Novo Testamento de Westcott-Hort e de Nestle-Aland. Após descrevermos o que representam o TR e o TC, apresentamos uma comparação dos textos gregos de Filipenses 2.12-13 oriundos dessas versões:

<i>Textus Receptus</i> ⁹	Nestle-Aland ¹⁰	Westcott-Hort ¹¹
12 Ὡστε, ἀγαπητοί μου, καθώς πάντοτε ὑπηκούσατε, μή ὡς ἐν τῇ παρουσίᾳ μου μόνον, ἀλλὰ νῦν πολλῶ μᾶλλον ἐν τῇ ἀπουσίᾳ μου μετὰ φόβου καὶ τρόμου τὴν ἑαυτῶν σωτηρίαν κατεργάζεσθε· 13 ὁ Θεὸς γάρ ἐστιν ὁ ἐνεργῶν ἐν ὑμῖν καὶ τὸ θέλειν καὶ τὸ ἐνεργεῖν ὑπὲρ τῆς εὐδοκίας.	12 Ὡστε, ἀγαπητοί μου, καθώς πάντοτε ὑπηκούσατε, μή ὡς ἐν τῇ παρουσίᾳ μου μόνον ἀλλὰ νῦν πολλῶ μᾶλλον ἐν τῇ ἀπουσίᾳ μου, μετὰ φόβου καὶ τρόμου τὴν ἑαυτῶν σωτηρίαν κατεργάζεσθε· 13 θεὸς γάρ ἐστιν ὁ ἐνεργῶν ἐν ὑμῖν καὶ τὸ θέλειν καὶ τὸ ἐνεργεῖν ὑπὲρ τῆς εὐδοκίας.	12 Ὡστε, ἀγαπητοί μου, καθώς πάντοτε ὑπηκούσατε, μή [ὡς] ἐν τῇ παρουσίᾳ μου μόνον ἀλλὰ νῦν πολλῶ μᾶλλον ἐν τῇ ἀπουσίᾳ μου, μετὰ φόβου καὶ τρόμου τὴν ἑαυτῶν σωτηρίαν κατεργάζεσθε· 13 θεὸς γάρ ἐστιν ὁ ἐνεργῶν ἐν ὑμῖν καὶ τὸ θέλειν καὶ τὸ ἐνεργεῖν ὑπὲρ τῆς εὐδοκίας.

8 Para mais detalhes históricos do desenvolvimento do Texto Crítico (TC), ver HOLMES, 2003, p. 128.

9 A versão do *Textus Receptus* usada aqui é a de SCRIVENER, 1894, p. 496.

10 Usamos aqui a 28ª edição de NESTLE; ALAND, B.; ALAND, K., 2013, p. 607.

11 Usamos aqui o texto de WESTCOTT; HORT, 1887, p. 440.

Basicamente, as três versões são idênticas. Westcott-Hort apenas sinaliza o advérbio $\acute{\omega}\varsigma$ entre colchetes, como se fosse uma inserção, e o *Textus Receptus* começa o versículo 13 com o artigo \acute{o} , ao passo que as duas outras versões não têm tal artigo. Apesar de encontrarmos essas diferenças pequenas e até irrelevantes, podemos destacar que os textos comungam com a disposição das palavras e frases. Nesse sentido, podemos afirmar que, a perícopes de Filipenses 2.12-13 não tem variações gregas que precisem de atenção tanto no *TR* quanto no *TC*. Vejamos, a seguir, algumas das traduções em português desses textos gregos.

2. ALGUMAS TRADUÇÕES DE FILIPENSES 2.12-13 COMPARADAS

As versões em português (brasileiro) têm usado minoritariamente o *TR* como base de suas traduções, sendo praticamente limitadas à Almeida Revista e Corrigida (ARC), de 1898, e à Almeida Corrigida Fiel (ACF), de 1994, sendo o texto adotado pela Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil (SBTB). A primeira publicação completa da tradução de João Ferreira de Almeida, de 1848, conhecida como Almeida Recebida (AR), também é baseada no *TR*. O *TC*, por sua vez, tem sido adotado pela Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) e na maioria das versões em português, como Almeida Revista e Atualizada (ARA), Nova Versão Internacional (NVI), Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH), Nova Almeida Atualizada (NAA) e Nova Versão Transformadora (NVT). A seguir, apresentamos as principais versões em português que utilizam o *TR*.

AR (1848) ¹²	ARC (1898) ¹³	ACF (1994) ¹⁴
12 Assim que, meus amados, como sempre obedecestes, não somente em minha presença, mas muito mais agora em minha ausência, assim também obrai vossa salvação com temor e tremor; 13 porque Deus he o que em vós obra assim o querer, como o effectuar, segundo a sua boa vontade	12 De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também opera a vossa salvação com temor e tremor, 13 Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o effectuar, segundo a sua boa vontade.	12 De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, [assim também] operai a vossa salvação com temor e tremor; 13 Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o effectuar, segundo a [sua] boa vontade.

66

Essas versões possuem pequenas variações no português. Contudo, traduzem com imprecisão as palavras gregas *κατεργάζεσθε* (no verso 12) e *ἐνεργῶν* (no verso 13), vistas no TC e TR. A primeira palavra é o verbo *κατεργάζομαι* conjugado na segunda pessoa do plural do tempo presente do modo imperativo, na voz média ou passiva, ao passo que a segunda é o verbo *ἐνεργέω* conjugado em nominativo masculino no tempo presente participio e na voz ativa. A primeira palavra tem o sentido de “desenvolver”, mas foi traduzida como “obrai” e “operai” nas AR, ARC e ACF; a segunda palavra, por sua vez, tem o sentido de “energizar”, “incentivar”, “impulsionar”, naquele contexto, pois o verbo *ἐνεργέω* vem do vocábulo *ἐνέργεια*, que significa, literalmente, “energia”, além de “ação”, “operação”, “trabalho” etc.

12 Usamos aqui a versão de ALMEIDA, 1848.

13 Nesse caso, usamos a versão de ALMEIDA, 1898. Sobre a edição dessa Bíblia, Giraldi conta que: “No final do século XIX, já estava difícil harmonizar a língua portuguesa falada no Brasil com a usada em Portugal. Por essa razão, em 1894, os missionários e líderes evangélicos brasileiros se reuniram no Rio de Janeiro para solicitarem às Sociedades Bíblicas uma revisão da tradução portuguesa de João Ferreira de Almeida para o português usado no Brasil” (GIRALDI, 2012, p. 309).

14 Disponível em: <https://biblias.com.br/acfonline>. Acesso em 19 jun. 2023.

Contudo, ἐνεργῶν foi traduzida como “efetuar” em todas as três versões em português. A Almeida Recebida, como já mencionamos, foi baseada no TR, principalmente nos manuscritos latinos de Teodoro de Beza (1519-1605) e em outras traduções em castelhano, francês e italiano. A seguir, apresentamos as versões latinas da Vulgata, de Erasmo e de Beza.

Vulgata ¹⁵	Erasmo (1543) ¹⁶	Beza (1594) ¹⁷
12 Itaque carissimi mei sicut semper oboedistis non ut in praesentia mei tantum, sed multo magis nunc in absentia mea, cum metu & tremore vestram salutem operamini	12 Proinde dilecti mei, quemadmodum semper obedistis, non tanctis in praesentia mea solum, sed nuc multo magis in absentia mea, cum timore ac tremore, vestram ipsorum salutem operemini.	12 Ac proinde, dilecti mei, sicut semper obeditis, non ut in praesentia mea solum, sed nunc multo magis in absentia mea, cum timore ac tremore vestra ipsorum salutem conficite.
13 Deus est enim, qui operatur in vobis & vele, & perficere pro bona voluntate.	13 Na Deus est is qui agit in vobis, & ut velitis, & ut efficiatis pro bono animi proposito.	13 Deus enim est qui efficit in vobis & ut velitis & ut efficiatis, pro gratuita sua benevolentia

Beza usou, respectivamente, os vocábulos latinos *conficite* (verso 12) e *efficit* (verso 13) em sua tradução. A primeira palavra é o verbo latino *conficio* conjugado na segunda pessoa do plural do tempo presente do modo imperativo na voz ativa, cujo significado pode variar entre “preparar”, “realizar”, “executar”, “produzir” etc.; a segunda palavra é o verbo latino *efficio* conjugado na terceira pessoa do singular no presente indicativo ativo, cujo

15 Erasmo trouxe sua tradução ao lado da Vulgata Clementina. Ambas as traduções de Filipenses 2.12-13 podem ser vistas em: ROTERODAMI, 1543, p. 313.

16 Seguimos a mesma fonte da nota de rodapé acima, pois Erasmo coloca ambas lado a lado. Cf. ROTERODAMI, 1543, p. 313.

17 Nesse caso, usamos a versão de BEZA, 1594, p. 74A.

significado é “efetuar”, “executar”, “realizar”, “produzir” etc. Antes de Beza, Erasmo utilizou o verbo latino *operemini* no verso 12, seguindo a Vulgata, que é o verbo *operor* conjugado segunda pessoa do plural do presente ativo subjuntivo, cujo significado é de “operar”, “trabalhar”, “realizar”. Quanto ao verso 13, Erasmo diferiu tanto de Beza quanto da Vulgata, tendo usado *agit*, que é a conjugação do verbo *agō* na terceira pessoa do singular no tempo presente ativo do indicativo, que significa “agir”, “realizar”, “fazer” etc. A Vulgata, por sua vez, tem o verbo *operatur*, que é a conjugação do verbo *operor*, na terceira pessoa do singular do tempo presente ativo do indicativo. As três traduções latinas trazem uma certa dinamicidade.

As traduções de Erasmo e Beza conseguem se aproximar mais do sentido geral do verso 13 no texto grego. Erasmo propõe que, ao mesmo tempo que “*Deus est is qui agit in vobis*” (Deus é aquele que age em vocês), ele não o faz de maneira monergista, visto que tal ação é feita “*ut velitis, ut efficiatis pro bono animi proposito*” (para que vocês desejem e para realizem de acordo com o bom propósito). A tradução de Beza também pode assumir uma ação não necessariamente monergista quando pensamos a partir de uma análise etimológica. O verbo *efficio* vem de duas palavras, o prefixo *ex*, que significa “de fora”, “externo”, e o verbo *faciō*, que significa “fazer”. Trata-se, portanto, de um fazer externo de Deus no ser humano, em que ele age, ou efetua, “*ut velitis & ut efficiatis, pro gratuita sua benevolentia*” (para que vocês desejem e para que realizem de acordo com sua graciosa benevolência). Em ambos os casos, o verbete latino *ut* assume a função de conjunção, expressando intenção e finalidade, como na locução portuguesa “a fim de que”. Isso vai na direção dos textos gregos assinalados, pois Deus ἐνεργῶν, isto é, *energiza / impulsiona* no povo, seu querer e realizar. Nas versões latinas, Deus *age / efetua* nos crentes *a fim de que / para que* cumpram sua vontade.

O verbo *κατεργάζομαι* tem 22 ocorrências no NT¹⁸. Três delas se alinham com o sentido de desenvolvimento, a saber: Romanos 5.3, 2 Coríntios 4.17 e Tiago 1.3, que são passagens similares, ensinando que virtudes (perseverança, glória sublime e paciência) são produzidas em meio a situações adversas. A produção dessas virtudes, no entanto, não se dá imediatamente, mas por um caminho processual, dando a ideia de desenvolvimento. As traduções da Vulgata, de Erasmo e de Beza, dessas passagens, variam bastante, conforme quadro a seguir. No entanto, chama a nossa atenção a opção de Erasmo para o uso triplo do verbo *pariō*, que pode significar “gerar”, “produzir”, “provocar”, mas no sentido de “dar à luz”, como no português “parir”. Uma mulher que dá à luz a uma criança, conta com o desenvolvimento dela enquanto no ventre e depois do nascimento. Aquelas virtudes elencadas por Paulo são geradas, passando por um processo de desenvolvimento intra e pós tribulações. É uma alternativa interessante para traduzir *κατεργάζομαι* quando se pensa em caráter desenvolvimentista.

Versão / referência	Vulgata	Erasmo (1543)	Beza (1594)
Romanos 5.3	Operatur	pariat	efficiat
2 Coríntios 4.17	Operatur	parit	conficit
Tiago 1.3	Operatur	parit	efficere

Já verbo *ἐνεργέω*, ocorre 21 vezes no NT¹⁹. Pelo menos sete vezes, ele pode assumir a ideia de energizar, estimular, influenciar, incentivar. Em Romanos 7.5, Paulo fala que o pecado atuava em nosso corpo com o intuito de estimulá-lo a frutificar a morte.

18 Romanos 1.27; 2.9; 4.15; 5.3; 7.8,13,15,17,18,20; 15.18; 1 Coríntios 5.3; 2 Coríntios 4.17; 5.5; 7.10,11; 9.11; 12.12; Efésios 6.13; Filipenses 2.12; Tiago 1.3; e 1 Pedro 4.3.

19 Mateus 14.2; Marcos 6.14; Romanos 7.5; 1 Coríntios 12.6,11; 2 Coríntios 1.6; 4.12; Gálatas 2.8 (duas vezes); 3.5; 5.6; Efésios 1.20; 2.2; 3.20; Filipenses 2.13 (duas vezes); Colossenses 1.29; 1 Tessalonicenses 2.13; 2 Tessalonicenses 2.7; e Tiago 5.16..

Em 1 Coríntios 12.6, o apóstolo mostra que existem diversas maneiras de o Espírito agir, mas que o mesmo Deus *estimula* tudo em todos. Logo na sequência, em 1 Coríntios 12.11, ele reafirma essa fraseologia aplicando o *estímulo* ao Espírito Santo. Em sua carta aos Gálatas (2.8), Paulo menciona que Deus *energizou* Pedro, vocacionando-o para trabalhar entre os judeus e que o *energizou* entre os gentios. Aos Efésios (1.11), Paulo menciona que somos vocacionados segundo os propósitos do Deus que *estimula* todas as coisas. Mais adiante, em Efésios 2.2, ele conclama os crentes daquela comunidade a viver em santidade, pois a vida pecaminosa era da época sem Cristo, quando andavam segundo o príncipe das trevas, que continua a *influenciar* os filhos da desobediência. Finalmente, Paulo escreve em 2 Tessalonicenses 2.7, confirmando que o ministério da injustiça continua a *influenciar* o mundo.

70

Versão / referência	Vulgata	Erasmus (1543)	Beza (1594)
Romanos 7.5	Operabantur	vigebant	vigebant
1 Coríntios 12.6	Operatur	efficiens	efficiens
1 Coríntios 12.11	Operatur	efficit	efficit
Gálatas 2.8	Operatur	efficax	efficax
Efésios 1.11	Operatur	fiunt	effecit
Efésios 2.2	Operatur	agentis	agentis
2 Tessalonicenses 2.7	Operatur	agit	peragitur

No caso da Vulgata, percebe-se a preferência padrão pelo verbo *operor*. Erasmo e Beza divergem todas as vezes da Vulgata e poucas vezes entre si. Chama-nos a atenção o uso de alguns verbos. Tanto Erasmo quanto Beza usam o verbo *vigeo*, que pode

ser traduzido como “vigorar”, “florescer” ou “prosperar” e *agō*, que pode significar “agir”, “fazer”. Erasmo usa uma vez o verbo *facio*, equivalente a “fazer”. Uma alternativa interessante é *perago*, usado apenas por Beza, que vem das palavras latinas *per*, que significa “por”, “através”, “por meio de” e *agō*, que já destacamos o significado. *Perago*, portanto, tem a ideia de alguém / algo agir através, por meio, aproximando-se bem da noção de energização.

Outras versões baseadas no *TC*, como a ARA, a NTLH e a NVI, têm traduções significativamente diferentes. A seguir, trazemos essas versões para efeito de comparação:

ARA (1956; 1993) ²⁰	NTLH (2000) ²¹	NVI (2001) ²²
12 Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; 13 porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.	12 Portanto, meus queridos amigos, vocês que me obedeceram sempre quando eu estava aí, devem me obedecer muito mais agora que estou ausente. Continuem trabalhando com respeito e temor a Deus para completar a salvação de vocês. 13 Pois Deus está sempre agindo em vocês para que obedçam à vontade dele, tanto no pensamento como nas ações.	12 Assim, meus amados, como sempre vocês obedeceram, não apenas em minha presença, porém muito mais agora na minha ausência, ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor, 13 pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele.

20 Essa versão também disponível em: <https://biblia.sbb.org.br/biblia/ARA/PHP.2/Filipenses-2>. Acesso em: 19 jun. 2023.

21 Essa versão também disponível em: <https://biblia.sbb.org.br/biblia/NTLH/PHP.2/Filipenses-2>. Acesso em: 19 jun. 2023.

22 Aqui, usamos a edição de 2001.

A ARA, publicada inicialmente em 1959 e com segunda edição em 1993, segue uma linguagem mais clássica, lança mão da equivalência dinâmica e traduz bem a palavra *κατεργάζεσθε*, no verso 13, usando o verbo “desenvolver”, dando a ideia de que, uma vez que a salvação (*σωτηρίαν*) foi ganha, ela precisa ser desenvolvida. No verso 14, ela parece seguir as traduções latinas, principalmente a bezana, optando por traduzir *ἐνεργῶν* por “efetuar”. O problema dessa tradução é que, ela dá a impressão de que tudo o que o cristão faz (o querer e o realizar) é resultado direto da ação divina, o que geraria problemas morais, como se os pecados e erros cometidos pelo indivíduo fossem fruto do efetuar de Deus.

A NTLH apresenta uma tradução que não segue nem a equivalência dinâmica e tampouco a formal, seguindo o modelo funcional. O formato funcionalista de tradução está menos preocupado com a precisão de equivalência interlinguística. Sua maior preocupação é com relação à função da tradução, que está diretamente atrelada ao público-alvo que fará leitura do texto. Nesse sentido, a cultura e outros fatores extralinguísticos, como contextos social e histórico, determinarão a escolha das palavras a serem usadas. É como atestam Reiss e Vermeer (1996, p. 104), dois dos principais representantes da escola funcionalista: “[...] a tradução está em função de seu *Skopos* (objetivo, finalidade)”. Por essa razão, a NTLH pode soar como uma espécie de tradução muito livre. No que tange à passagem paulina em questão, Filipenses 2.12-13, encontramos uma proposta consideravelmente aberta para estes dois versículos, assemelhando-se mais a uma paráfrase. Existem acréscimos e substituições que transcendem o sentido do grego original, sendo inconsistentes, como no caso de “queridos amigos” para *ἀγαπητοί*, “completar a salvação” para *σωτηρίαν* *κατεργάζεσθε*, “está sempre agindo em vocês” para *ἐνεργῶν ἐν ὑμῖν* e “pensamento” para *θέλειν*.

A NVI, por sua vez, opta por trazer uma tradução com linguagem mais moderna e por meio tanto da equivalência formal quanto da dinâmica, mesclando-as. Visando uma linguagem mais

contemporânea, ela não usa segunda pessoa nos textos – “[...] como sempre vocês obedeceram [...]” – diferenciando-se da ARA – “[...] como [vós] sempre obedecestes [...]”. Essa linguagem facilita os leitores atuais, especialmente os menos versados em nosso idioma, que se identificam com a linguagem usual do dia-a-dia, tendo uma leitura mais fluida. A proposta para o versículo 12 é interessante: “[...] ponham em ação a salvação de vocês [...]”, para o grego *σωτηρίαν κατεργάζεσθε*. Já no verso 13, a tradução foi menos ousada e não rompeu com o tradicional “efetua” para o verbo grego *ἐνεργῶν*.

Até aqui, vimos versões em português de Bíblias publicadas por Sociedades Bíblicas e editoras ligadas ao evangelicalismo. Será que as versões católicas têm uma perspectiva diferente? A seguir, ainda comparamos algumas versões católicas publicadas em português:

Figueiredo (1864) ²³	BAM (1959) ²⁴	BJ (1981) ²⁵
<p>12 Portanto, meus caríssimos (posto que sempre fostes obedientes), obrai a vossa salvação com receio e com tremor, não só como na minha presença, senão muito mais agora na minha ausência. 13 Porque Deus é o que obra em vós o querer e o perfazer, segundo a seu beneplácito.</p>	<p>12 Assim, meus caríssimos, vós que sempre fostes obedientes, trabalhai na vossa salvação com temor e tremor, não só como quando eu estava entre vós, mas muito mais agora na minha ausência. 13 Porque é Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o executar.</p>	<p>12 Portanto, meus amados, como sempre tendes obedecido, não só na minha presença, mas também particularmente agora na minha ausência, operai a vossa salvação com temor e tremor, 13 pois é Deus quem opera em vós o querer e o operar, segundo a sua vontade.</p>

23 Nesse caso, usamos A Bíblia Sagrada, 1864, p. 560.

24 Nesse caso, usamos Bíblia Ave-Maria, 1957.

25 Nesse caso usamos a Bíblia de Jerusalém, 1981.

Antônio Pereira de Figueiredo (1725–1797) foi um padre católico português. Sua tradução para o português se deu a partir da Vulgata latina, tendo concluído o Novo Testamento entre 1778 e 1781 e o Antigo entre 1782 e 1790, períodos em que as traduções eram publicadas em volumes separados, totalizando 23 (7 do NT e 17 do AT). Em 1821, sua tradução foi publicada em volume único. Aqui, usamos a versão de 1864. Ele traduziu *operamini* como “obrai” e *operatur* como “obra”, mantendo o padrão do verbo latino *operor*. Sua tradução é fiel à Vulgata e, nesse caso, o problema da tradução recai na fonte de onde ele baseou seu texto, que optou por verbos não consistentes para traduzir *κατεργάζεσθε* e *ἐνεργῶν*.

A próxima tradução é a da Bíblia Ave-Maria (BAM), que foi originalmente um trabalho realizado por monges beneditinos belgas, os quais traduziram para o francês com o método de equivalência dinâmica a partir do TC e publicaram *La Bible de Maredsous* em 1950. Ainda nessa mesma década, missionários claretianos fizeram a tradução do francês para o português, tendo sido publicada a primeira versão em 1959. A versão da BAM de Filipenses 2.12-13 não se distancia muito da Vulgata que, diga-se de passagem, é a versão oficial da Igreja Católica. Ao traduzir o versículo 12, a opção foi de “[...] trabalhai *na* vossa salvação” (itálico meu). O verbo “trabalhar”, traduzido do francês *travaillez*, substitui bem o latim *operor*, mas não com tanta precisão o grego *κατεργάζεσθε*. Além disso, chama a atenção a opção pela preposição “na” a despeito do artigo “a”. A preposição deixou mais clara a conotação de que a salvação já foi recebida e precisa ser trabalhada, atribuindo valor semântico de ação e se aproximando da ideia grega de desenvolvimento. O verso 13, por sua vez, usou o verbo “realiza”, no francês *opère* (opera), para traduzir *ἐνεργῶν*, caindo nos mesmos problemas já mencionados de possibilitar uma interpretação frágil de que, mesmo as falhas da cristandade são planejadas por Deus.

A Bíblia de Jerusalém (BJ), por sua vez, é uma tradução que foi publicada em português em 1981. Originalmente, ela foi publicada em francês, produzida pela *École Biblique de Jérusalem*, uma equipe de Bíblia e Arqueologia. Sua principal base é o TC de Nestle-Aland, além de seguir a equivalência dinâmica como tipo de tradução. Apesar de fazer uso do TC, sua tradução de Filipenses 2.12-13 parece estar mais alinhada com a Vulgata do que com o texto grego, pois usa “operai” no verso 12 e “operar” no 13.

A fim de concluir esta seção, comparamos, ainda, mais três versões em português:

LTT (2005) ²⁶	NVT (2016)	NAA (2017)
12 De modo que, ó meus amados, assim como sempre obedecestes (não somente como [obedecestes] na minha presença, mas, agora muito mais, (como obedeces) na minha ausência), [assim também], com temor e tremor, a vossa própria salvação completamente-ponde-em-operação; 13 Porque Deus é Aquele efetivamente-operando em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a [Sua] boa vontade.	12 Quando eu estava aí, meus amados, vocês sempre seguiam minhas instruções. Agora que estou longe, é ainda mais importante que o façam. Trabalhem com afinco a sua salvação, obedecendo a Deus com reverência e temor. 13 Pois Deus está agindo em vocês, dando-lhes o desejo e o poder de realizarem aquilo que é do agrado dele.	12 Assim, meus amados, como vocês sempre obedeceram, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, desenvolvam a sua salvação com temor e tremor, 13 porque Deus é quem efetua em vocês tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.

²⁶ Nesse caso, usamos a Bíblia Literal do Texto Tradicional, 2022.

A Bíblia Literal do Texto Tradicional (LTT) é uma proposta de equivalência formal do Texto Tradicional (TT), isto é, o somatório do *Texto Massorético* (TM) para o AT, e do *TR* para o NT. Essa versão usa uma linguagem mais clássica do português, mantendo o uso da segunda pessoa em suas traduções. Ela também utiliza itálicos para demonstrar que tais palavras destacadas não constam no *TM* e nem no *TR*. As que estão em itálico e tachadas são outros acréscimos inseridos pelo editor da LTT para complementar o sentido, mas que também não constam naqueles manuscritos. O texto de Filipenses 2.12-13 está, em geral, bem traduzido, mas com excesso de inserções. Contudo, a proposta da LTT é deixar claro tudo o que consta nos originais do TT. Assim, ela não omite nada para dar dinamicidade à tradução, e sinaliza acréscimos com itálicos. No caso do versículo 12, a tradução de *σωτηρίαν κατεργάζεσθε* ficou como “[...] a vossa própria salvação completamente-ponde-em-operação [...]”. É uma proposta interessante, que transmite corretamente a ideia de que a salvação precisa ser desenvolvida, por meio da prática. Igualmente interessante, é a tradução de *ἐνεργῶν*, que é assinalada como “operando”, no nosso gerúndio, dando uma ideia de uma ação continuada. O primeiro caso ficaria melhor se fosse adotada a equivalência dinâmica, pois daquele modo, o texto fica truncado e sem sentido no nosso idioma; o último caso ficaria melhor se tivesse sido mais literal, “energizando”, “estimulando”.

A NVT, por sua vez, utiliza o *TC* de Nestle-Aland para o Novo Testamento e propõe uma tradução que mescla as equivalências dinâmica e formal, além de usar uma linguagem mais contemporânea, sem o uso de segunda pessoa. O verso 12 mostra muita dinamicidade, traduzindo *σωτηρίαν κατεργάζεσθε* por “trabalhem com afinco a sua salvação”. A expressão “com afinco” não consta no *TC*, e parece mais uma utilização da equivalência funcional do que dinâmica. De qualquer modo, essa tradução propõe que os cristãos daquele tempo eram

orientados por Paulo a colocar a salvação para ser desenvolvida por meio do trabalho duro, o que se alinha com o sentido do texto. O verso 13 também parece seguir um estilo de tradução mais funcional e monta uma frase mais longa para descrever a energização de Deus, que “está agindo em vocês, dando-lhes o desejo e o poder de realizarem aquilo que é do agrado dele”. Embora não seja uma tradução literal, com equivalência formal, é a versão que mais se aproximou da ideia geral de Paulo no texto epistolar em questão.

Finalmente, a NAA. Ela também usa o *TC* de Nestle-Aland como base para sua tradução, mesclando as equivalências formal e dinâmica. Ela não usa segunda pessoa, elimina os arcaísmos e adota uma proposta mais contemporânea na linguagem, sem cair em vulgarizações, coloquialismos e sem usar gírias. No verso 12, ela traduziu *σωτηρίαν κατεργάζεσθε* como “desenvolvam a sua salvação”. Essa é a tradução mais próxima do sentido do texto dentre as opções comparadas até aqui, juntamente com a ARA. Já quanto ao verso 13, ela segue a ideia do verbo “efetuar”, já discutida em ocasião anterior. De qualquer modo, ainda ficamos com a necessidade de analisar a períclope de Filipenses 2.12-13. Fazemos isso na próxima seção, em que analisamos o contexto da passagem e propomos uma análise exegética.

3. O CONTEXTO DE FILIPENSES 2.12-13 E UMA ANÁLISE EXEGÉTICA

Filipos foi uma cidade que recebeu esse nome como forma de homenagear seu conquistador, o rei Felipe II (382-336 a.C.), pai de Alexandre Magno (356-323 a.C.). Nos dias do apóstolo Paulo, ela era uma colônia do Império Romano, localizada na região da Macedônia. A Igreja foi estabelecida nesse local logo no começo da segunda viagem missionária de Paulo, que teve início por volta de 51-52 d.C., e que se encontra narrada em Atos 16 por Lucas. Ao que parece, a plantaçaõ da igreja foi iniciada por meio

da pregação do Evangelho a um grupo de mulheres que estavam próximas à margem de um rio. Em meio a esse grupo, uma, em especial, destacou-se: Lídia, que tinha por profissão o comércio de tecidos de púrpura. Depois de ouvir a mensagem, ela e sua família foram batizados. Algum tempo depois, Paulo saiu para oração e se deparou com uma escrava possuída por algum πνεῦμα Πύθωνος (espírito de Píton), que, devido à adivinhação, fazia seus senhores lucrarem. Sobre o espírito de adivinhação, Hendriksen explica:

Na mitologia grega a palavra píton refere-se principalmente a uma serpente ou dragão que vivia na região de Pito ao pé do Parnaso na Fócida, a norte do golfo de Corinto. Cria-se que este dragão guardava o oráculo de Delfo com seu templo. No final foi morto por Apolo Deus, como muito atraentemente Ovídio nos diz. Por uma transição compreensível esta palavra píton começou a ser aplicada à adivinhação ou aos adivinhos em geral, de forma que “um espírito, um píton” indicava “um espírito adivinhador” (HENDRIKSEN, 2013, p. 362-363).

78

A moça foi liberta do espírito e Paulo, juntamente com seu companheiro de missões, Silas, foi preso. Lucas narra um livramento miraculoso da prisão, quando as cadeias se quebraram após um terremoto. Temendo castigos severos (comparar At 16.27 com At 12.19), o carcereiro cogitou suicidar-se, mas Paulo o impediu, anunciando-lhe, em seguida, o Evangelho. O carcereiro e sua família também foram todos batizados e se tornaram os mais recentes membros da igreja filipense. Tudo parece indicar que a Igreja foi estabelecida na casa de Lídia, afinal, a narrativa lucana acrescenta que, na casa daquela comerciante havia alguns ἀδελφοὺς, isto é, “irmãos” (cf. At 16.40). Em sua terceira viagem missionária, Paulo retornou à cidade, e chegou a enaltecer a generosidade daqueles irmãos, que foram solícitos para socorrer a comunidade de crentes de Jerusalém, que vivia momentos de dificuldade (2Co 8.1-5; 11.9; Fp 4.14).

A epístola que Paulo envia à comunidade filipense se dá numa circunstância de prisão. Ele estava encarcerado em Jerusalém e recebeu a visita de um membro da igreja de Filipos, Epafrodito, que levou uma doação ao apóstolo, alegrando-lhe o coração com a generosidade que os filipenses tinham (Fp 2.25; 4.18). Ele deve ter viajado cerca de 1280 km para conseguir encontrar com Paulo, num percurso que demorava aproximadamente um mês de viagem (LIGHTFOOT, 1953, p. 38). Epafrodito parecia estar se recuperando de alguma enfermidade mortal. Paulo não queria mantê-lo muito tempo por ali, pois não queria deixar os filipenses preocupados com o estado de saúde de seu amigo (Fp 2.26-30). Além do donativo, Paulo também recebeu novidades da igreja e essas duas situações, pelo menos, motivaram-lhe a escrever essa epístola, a fim de que: (1) expressasse sua gratidão aos filipenses pela oferta e pela visita (Fp 1.7); e (2) exortasse-os a perseverar no caminho de Cristo e a não ceder às tentações que vinham enfrentando, tais como motivações erradas quanto à pregação do Evangelho (Fp 1.15-16), iminentes perseguições (Fp 1.29-30), motivações erradas quanto ao serviço na igreja local (Fp 2.3-4, 14), ensinamentos judaizantes (Fp 3.1-3, 18), mentalidade terrena (Fp 3.19), contendas internas (Fp 4.2) e ansiedade (Fp 4.6). Apesar de enviar a carta, ele desejava rever aquela comunidade pessoalmente e acreditava que conseguiria fazê-lo (Fp 1.8,26; 2.24).

Os versículos 12 e 13 do capítulo 2 seguem logo após uma admoestação pastoral de Paulo quanto à motivação errada que algumas pessoas tinham ao trabalhar na igreja local. Havia membros da comunidade que faziam as coisas com o intuito de serem reconhecidas, com um sentimento de *κενοδοξία*, isto é, vanglória e vaidade (Fp 2.3). Outros, agiam com *ἐρίθειαν*, ou seja, partidarismo, criando grupos internos, gerando competitividade e rompendo com a unidade cristã tão cara aos discursos paulinos, como um todo (Fp 2.3). O caminho correto e ideal é o da virtude, que nesse caso, Paulo adjetiva na figura da *ταπεινοφροσύνη*

(humildade, modéstia), que seria praticada se cada um preferisse o próximo a despeito de si mesmo, dando valor superior aos outros (Fp 2.3-4). O melhor exemplo de alguém que praticou essa humildade é o próprio Jesus, que mesmo sendo Deus, não agiu com soberba em seu ministério terreno e encarnado (Fp 2.5-8). O ápice da exaltação de Jesus ocorrerá no *eschaton*, quando todos os seres angélicos (mesmo os caídos) e os impenitentes, terão que confessar o senhorio de Cristo (Fp 2.9-11). Da mesma forma, não adiantava que os filipenses vaidosos aguardassem o reconhecimento nesta vida, mas no porvir, quando o justo juiz distribuirá os galardões. Assim, Cristo é modelo para o presente e para o futuro, é o *telos* a ser almejado.

Paulo conhecia bem aquela comunidade. Ele presenciou a piedade daqueles cristãos, o desejo de viver em conformidade com a transformação que o Evangelho opera. Por isso, ele lembra aos leitores / ouvintes que, assim como eles se empenhavam para ser obedientes às suas pastorais enquanto estava por perto, que tenham o mesmo empenho para fazê-lo agora, em sua ausência. Sua diretiva é: σωτηρίαν κατεργάεσθε! Sua carta é dirigida a crentes que já experimentaram a regeneração, tornando-se nova criação, que ganharam graciosamente a salvação mediante a fé, que gozavam da justificação, que eram adotados em Cristo e que estavam reconciliados com Deus, usufruindo dos benefícios da expiação. A salvação já havia sido ganha. Contudo, ela deveria ficar estática? Não haveria necessidade de uma evolução? O tom de crescimento continuado é recorrente na literatura paulina (cf., e.g., Rm 6; 1Co 6.9-11; 2Co 5.17; Gl 5.16-22; Ef 4.11-32; Cl 3.1-17; 1Ts 4.1-12; 2Ts 3.6-15). Deste modo, ele orienta aos filipenses que eles desenvolvam a salvação, colocando-a em prática, a fim de que ela seja aperfeiçoada. Nesse sentido, o desenvolvimento contínuo da salvação pode ser mais bem explicado pelo processo da santificação.

Como já mencionamos, κατεργάεσθε está conjugado no presente imperativo médio ou passivo. O tempo presente está

com aspecto *infectum*, isto é, inacabado, designando ação em desenvolvimento de algo que já se iniciou no passado.²⁷ O verbo *κατεργάζομαι* pode ser traduzido como “efetuar”, “operar”, “praticar”, “produzir”, “realizar”. No contexto, faz mais sentido a noção de “desenvolver”,²⁸ trazendo a salvação já realizada para o desenvolvimento na santificação. Além disso, a voz média é usada com a finalidade de indicar que o sujeito executa a ação para si, de si mesmo ou no próprio interesse, dando a conotação de que ele está interessado no ato, afinal, em tal ato, o sujeito pode colher consequências,²⁹ razão pela qual podemos especular os acréscimos de φόβου (temor, respeito, reverência) e τρόμου (tremor, medo) como qualidades do desenvolvimento da santificação.

Nesse sentido, o verso 13 canaliza o incentivo para que os cristãos desenvolvam a salvação / santificação: a própria ação da graça de Deus é que dá condições para que tal obra seja realizada continuamente, pois nenhum ser humano seria capaz de desenvolvê-la de maneira autônoma. Sendo assim, Paulo atesta que, Deus, por sua graça santificadora, ἐνεργῶν (energiza, incentiva, impulsiona)³⁰ tanto o θέλειν (desejo, intento, querer) como a ἐνεργεῖν (execução, ação, prática, obra). Sendo Deus o maior interessado na santificação do fiel, ele providencia a capacitação e dá o impulso necessário para que tal obra de santidade seja realizada, conectando um dinamismo sinérgico, ou monérgico condicional, entre o impulso divino e a responsabilidade humana de desenvolver a santificação. Nesse sentido, nem Deus age incondicionalmente praticando ou não a moralidade cristã no lugar do indivíduo e tampouco o ser humano fica de-

27 Para mais informações, consultar WALLACE, 2009, p. 516ss; SWETNAM, 2002, p. 62; REGA; BERGMANN, 2004, p. 36.

28 Essa também é a proposta de GINGRICH; DANKER, 1993, p. 113. Cf., ainda, DANKER; KRUG, 2009, p. 195; MOUNCE, 2012, p. 352. LOUW; NIDA, 2013, p. 136-137, 456; ROBINSON, CPAD, 2012, p. 490.

29 WALLACE, 2009, p. 514-415. SWETNAM, 2002, p. 154. REGA; BERGMANN, 2004, p. 30.

30 Veja a etimologia de energizar em GINGRICH; DANKER, 1993, p. 74, LOUW; NIDA, 2013, p. 455, MOUNCE, 2012, p. 238 e ROBINSON, 2012, p. 316. Cf., ainda, DANKER; KRUG, 2009, p. 129 para outros sentidos.

sassistido e nem inicia *per si* a obra espiritual, visto que não tem livre-arbítrio.

A opinião de que a salvação deve ser desenvolvida e de que a ação para que tal desenvolvimento não é fruto do arbítrio humano, senão uma ação capacitadora divina, é comum na interpretação tanto de teólogos mais antigos quanto de mais recentes. Começamos destacando algumas opiniões de teólogos da época da Reforma Protestante. O reformador suíço Ulrico Zuínglio (1484-1531) disse: “Faça as obras que todos os que foram salvos pela fé fazem. [...] É nosso dever, então, garantir que daremos sequência à nossa salvação com boas obras, e que possamos testemunhá-la e defendê-la, vendo o que Deus começou em nós”.³¹ Ele enfatiza o dever do crente no desenvolver da salvação. O luterano pomerano Johannes Bugenhagen (1485-1558) explicou assim o verso 12: “Faça as coisas que são relacionadas à salvação. [...] Mas não estabeleça aqui o livre-arbítrio, porque ele diz: ‘trabalhe’, e acrescenta em seguida: ‘pois é Deus quem trabalha’”.³² Ele faz questão de evitar uma interpretação que dê autonomia humana quanto à santificação, destacando a ação capacitadora de Deus numa relação de causa e efeito.

Erasmus de Rotterdam, que é a exceção desta lista por acreditar no livre-arbítrio, explica que nós só operamos nossa salvação porque “Deus é quem trabalha em nós”.³³ Apesar de uma posição mais positiva quanto à natureza humana, Erasmo exalta a capacitação divina para o ser humano na combinação de seu comentário dos versos 12 e 13. Uma opinião parecida, provavelmente influenciada pela perspectiva de Philip Melancthon (1497-1560),³⁴ é a do luterano dinamarquês Niels Hem-

31 “Talia opera facite qualia solent omnes qui salutem per fidem adepti sunt. [...] Nobis ergo invigilandum, ut adeptam salutem bonis operibus & testemur & tueamur, perspicientes id quod in nobis Deus cœpit” (ZUINGLIUS, 1531, p. B3).

32 “Id est facite ea quæ salutis sunt, [...] Ne vero hinc statuas liberum arbitrium, quia dicit, ‘Operemini’, addit, nam ‘Deus est is que agit’” (BUGENHA, 1525, p. 95-96).

33 “Salutem uestram operamini.) Et mox, Deus enim est qui operatur in nobis” (ROTODAMI, 1527, p. 557).

34 Melancthon tinha uma perspectiva sinérgica da ordo salutis, antecipando o pensamento

mingsen (1513-1600), o qual explica que a exortação paulina no verso 12 é equivalente a: “complete o curso da sua salvação” e acrescenta sobre o verso 13 o seguinte: “Agora, a salvação não é para ser auto trabalhada, conquistada ou alcançada por obras, mas para ser avançada no estágio da salvação. Portanto, diz-se que, aquele que segue o curso da santidade, trabalha a salvação”.³⁵ Ele também complementa: “Desta forma, uma certa liberdade é restaurada à vontade pela graça, que é a causa certa das ações espirituais”.³⁶ O franco-alemão Wolfgang Musculus (1497-1563) declarou:

[...] os filipenses são encorajados a trabalhar sua própria salvação, pois eles poderiam pensar que isso era impossível para eles, e assim eles falhariam, [...] como se fosse impossível ser salvo. E, de fato, é assim, se considerarmos que nossos poderes são totalmente fracos. Ele, portanto, os anima e fortalece em seu propósito e no esforço de perseverança, dizendo: “Pois é Deus quem opera em vocês”.³⁷

O italiano Jerônimo Zanchius (1516-1590) é prático e conciso em seu comentário da referida perícopes. Para ele, a expressão *σωτηρίαν κατεργάεσθε* “significa levar o trabalho até o fim”,³⁸ dando uma noção de desenvolvimento teleológico. Ele prefere a tradução *efficere* (efetua), ao invés de *operari* (opera), para o verbo *ἐνεργῶν*, no verso 13 (ZANCHII, 1595, p. 127). O remonstrante neerlandês Hugo Grócio (1583-1645) disse: “Pois Deus, pela revelação das coisas prometidas, nos levará a fazer o

defendido por Jacó Armínio (1559-1609). Uma boa pesquisa sobre o tema pode ser vista em GRAYBILL, 2010 e em GROSS, 2020, p. 129-158.

35 “[...] vestrum salutis cursum conficite [...] Non est autem salutem operari, operibus mereri salutem aut consequi, sed in salutis stadio seliciter progredi. Operari igitur salutem dicitur, qui in sanctitatis stadio currit” (HEMMINGIO, 1564, p. E2).

36 “Ita gratia collata libertas aliqua voluntatis redditur, quae actionum spiritualium quaedam causa est” (HEMMINGIO, 1564, p. E3).

37 “[...] ut animentur Philippenses ad operandum suam ipsorum salutem. Poterant enim cogitare, esse id ipsis impossibile: [...] tanquam servatu impossibile, deficere. Et revera sic est si vires nostras prorsus infirmas consideremus. Animat igitur & confirmateos in proposito ac studio perseverantiae, dicens: ‘Nam Deus est qui agit in vobis’” (MUSCULO, 1578, p. 45).

38 “[...] significat ad finem usque opus perducere” (ZANCHII, 1595, p. 127).

que é certo, e por seu Espírito ele nos levará a fazer tais coisas constantemente”.³⁹ Para Grócio, o viver em santidade não é iniciativa humana, embora esta tenha responsabilidade. Ao invés disso, o ser humano é totalmente capacitado e instado por Deus a viver corretamente.

Diversos teólogos mais recentes também mantêm essa opinião de desenvolvimento de salvação como santificação e de que Deus energiza / capacita o crente a desenvolvê-la. Ralph P. Martin (MARTIN, 1985, p. 116 – itálicos do autor) explica o verso 12 dizendo que, Paulo exorta os filipenses: “[sejam] *muito mais* [obedientes] *agora na minha ausência*, visto que estou na prisão, mantido longe de vós, [portanto,] *desenvolvi a vossa salvação*”. Ele acrescenta que, “o caminho da salvação foi delineado no hino [Fp 2.6-11]” e que, agora, “resta aos filipenses aplicá-lo em sua vida coletiva, e aprender a viver ‘em Cristo’. Não pode haver um sentido individualístico, [...] visto que Paulo tem a igreja toda em mira. [Assim,] São eles encorajados a desenvolver a sua salvação” (MARTIN, 1985, p. 116). Os filipenses “não deveriam desesperar-se, mas lembrar-se de que a assistência de Deus [...] encontra-se disponível” (MARTIN, 1985, p. 117).

Hendriksen explica:

Não erramos quando dizemos que *em tal contexto, o tempo* do verbo indica que Paulo tinha em sua mente a ideia de um *esforço contínuo, vigoroso, sustentado*: “Continuai vos ocupando”. Os crentes não são salvos, por assim dizer, de uma só vez, mas a sua salvação é *um processo* (Lc 13.23; At 2.47; 2Co 2.15). É um processo em que eles, longe de permanecer passivos ou inativos, tomam parte ativa. É um prosseguir, um ir após, um avançar com ímpeto, uma contenda, uma batalha, uma carreira. [...] E em substância diz aos filipenses que devem considerar este *desenvolver sua salvação* [com temor e tremor] como

39 “Deus enim per reuelationem promissorum fuorum faciet ut recta velimus, & per Spiritum suum faciet ut etiam constanter talia operemur” (GROTII, 1646, p. 608).

a tarefa de sua vida. Note-se aqui que o termo salvação enfatiza aquele aspecto dela que se chama *santificação*. [...] Tal temor e tremor não quer dizer desespero, mas justamente o contrário. Paulo diz alentadamente: Vós, filipenses, *deveis* continuar desenvolvendo vossa salvação, e *podeis* fazê-lo, **pois Deus é quem está operando em vós**. E se não fosse por isso, jamais poderíeis desenvolver vossa salvação (HENDRIKSEN, 2013, p. 493-495. Itálicos e negritos do autor).

O uso gerúndio de Hendriksen para a operação de Deus no querer e realizar, denota uma ação contínua, transmitindo uma ideia de que Deus está agindo entre os filipenses. Nesse sentido, podemos dizer que, ao invés de uma passividade completa dos crentes, era preciso que eles correspondessem à graça santificadora divina. Craig S. Keener (2017, p. 670) mostra que essa ação divina, no verso 13, faz com que os crentes sejam “capacitados a obedecer pelo poder de Deus”. Everett F. Harrison (2017, p. 706 – negritos do autor) explica que, Paulo “insiste com eles, desenvolvi a vossa salvação, especialmente em sua ausência”, e atesta que essa é a melhor tradução, pois o verbo grego “*katergazomai, continuar desenvolvendo*, é um presente contínuo” (HARRISON, 2017, p. 706 – itálicos do autor). Ademais, os filipenses são auxiliados pela graça santificadora de Deus para que o desejar e o agir sejam praticados, afinal, Deus os “energiza” – *energeō*” (HARRISON, 2017, p. 706 – itálicos do autor). Há muitas outras opiniões que seriam interessantes de serem trazidas a este ensaio. No entanto, isso fugiria do nosso escopo e não teríamos espaço suficiente para expô-las num trabalho como esse. De qualquer modo, seguimos para nossas palavras finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos neste ensaio que, os manuscritos a partir dos quais as versões em português se baseiam (i.e., *TR* e *TC*), não possuem variações relevantes de Filipenses 2.12-13 ao ponto de haver tan-

ta diferença nas traduções disponíveis e controvérsias nas tradições cristãs. As antigas traduções latinas, como a Vulgata, a erasmiana e a Bezana, mostram que as variações de tradução já começaram em tal período. De certo modo, tradução é interpretação. Teriam os antigos tradutores se deixado influenciar por suas tradições teológicas? O viés católico de justificação pelas obras teria fortalecido a opção por *operamini* e *operatur* na Vulgata? Teria Erasmo feito opções diferentes, usando *operemini* e *efficiatis*, por ter uma perspectiva semipelagiana? Seriam *conficite* e *efficiatis* melhores representações da noção predestinacionista bezana? É difícil afirmar isso. De qualquer modo, vimos que existiam palavras latinas alternativas para traduzir os vocábulos gregos *κατεργάζεσθε* e *ἐνεργῶν*.

Ao que parece, as traduções em português aqui apresentadas não levaram muito em conta essa problematização. Será que João Ferreira de Almeida se deixou levar por sua tradição calvinista, sendo ele ministro da Igreja Reformada da Holanda? Não sabemos. No entanto, ele praticamente reproduz a tradução latina de Beza. As versões mais modernas oscilaram na tradução, mas poucas se aproximaram da ideia de “desenvolver”, como a ARA e NAA. A versão católica BAM tem a seu favor a tradução “trabalhai na vossa salvação”, dando ideia de que a salvação precisa ser trabalhada, desenvolvida. Mas esse entendimento não é natural e indutivo, precisa de maior reflexão. Já quanto ao sentido de “energizar”, também poucas traduções se aproximaram, sendo a melhor, nesse caso, a NVT.

A LTT propõe uma tradução literal. No entanto, o texto fica truncado por seguir rigidamente a ideia da equivalência formal, deixando o texto sem sentido. Não falamos “[...] a vossa própria salvação completamente-ponde-em-operação”, em português. O texto, contudo, poderia ficar mais fluido se uma certa dinamicidade fosse adotada, seguindo algo como “[...] ponde a vossa própria salvação completamente em operação”. O mesmo caso se aplica ao verso seguinte. Não falamos

“Deus é Aquele efetivamente-operando em vós [...]” na língua portuguesa. Esse texto ficaria facilmente ajustado para “Deus é Aquele que está operando efetivamente em vós [...]”. A proposta da LTT mostra que é importante adotar algum grau de equivalência dinâmica nas traduções, pois determinadas palavras são polissêmicas, além de sofrerem evoluções de sentidos no decorrer do espaço-tempo.

Finalmente, por meio de uma apresentação de comentários da perícopes estudada em nosso ensaio, podemos destacar o reconhecimento de que o verso 12 fala de um desenvolvimento da salvação, sendo essa opinião encontrada em vários intérpretes mais antigos e mais recentes do cristianismo. A interpretação do verso 13 é um pouco mais diversificada e até disputada, especialmente em torno de uma controvérsia quanto à noção de livre-arbítrio. Porém, o texto paulino não atribui tal liberdade natural ao ser humano, senão uma capacitação divina para que os crentes tenham condições de obedecer à vontade de Deus, na santificação. Seria anacrônico inserir noções teológicas desenvolvidas posteriormente, como calvinismo e arminianismo, à perícopes. Nesse sentido, é importante nos atermos ao texto bíblico, à sua linguagem, ao contexto histórico-cultural e outros elementos relevantes. Com base nisso, destacamos que, as traduções “energiza”, ou “impulsiona”, para o verbo grego ἐνεργῶν parecem ser, em nossa opinião, mais apropriadas. Elas eliminam entendimentos equivocados de que o ser humano não tem responsabilidade em sua santificação, como se Deus fosse o responsável por todas as ações praticadas pelos crentes, que não deixam de cometer pecado até que sejam glorificados, algo que a teologia paulina e a experiência cristã testificam (Rm 7.14-25; 1Co 15.50-56). Além disso, as traduções “energiza” ou “impulsiona” deixam a interpretação mais natural e indutiva ao sentido que o autor bíblico tinha em sua intenção comunicacional. Assim, a decodificação da mensagem fica com menos ruídos.

REFERÊNCIAS

A Bíblia Sagrada: traduzida em português segundo a Vulgata Latina, vol. 2. [trad. Antonio Pereira de Figueiredo]. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1864.

ALMEIDA, João Ferreira A. D'Almeida (Edit.). **A Bíblia Sagrada:** contendo o Velho e o Novo Testamento. Nova York: Sociedade Americana da Bíblia, 1848.

BEZA, Theodori. **Iesu Christi Domini Nostri Novum Testamentum.** Franekeræ: Aegidium Radaeum, Ordinum Frisiae Typographum 1594.

Bíblia Ave-Maria. São Paulo: Ave-Maria, 1957.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1981.

Bíblia Literal do Texto Tradicional. [editor: Hélio de Menezes Silva]. São Paulo: BV, 2022.

Bíblia Sagrada. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

Bíblia Sagrada. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

Bíblia Sagrada. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida / Sociedade Bíblica Internacional, 2001.

BUGENHA, Ioannes. **Annotationes in Epistolas Pauli.** Basileae: Adamum Petri, 1525.

DANKER, Frederick W.; KRUG, Kathryn. **The Concise Greek-English Lexicon of the New Testament.** Chicago / London: The University of Chicago, 2009.

ELZEVIR, Abraham; ELZEVIR, Boaventura (Eds.). **Ē Kainē Diathēkē, Novum Testamentum,** 2 vols. Lugd. Batavorum: Ex Officina Elzeviriorum, 1633.

ESTIENNE, Robert. **Nouum Iesu Christi D. N. Testamentum**. Lutetiae: Ex officina Roberti Stephani typographi regii, 1550, n.p.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento Grego / Português**. [tradução de Júlio P. T. Zabatiero]. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GIRALDI, Luiz Antonio. **A Bíblia no Brasil Império**: como um livro proibido durante o Brasil Colônia tornou-se uma das obras mais lidas nos tempos do Império. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

GRAYBILL, Gregory B. **Evangelical Free Will**: Philipp Melancthon's Doctrinal Journey on the Origins of Faith. New York: Oxford, 2010.

GROSS, Eduardo. Debates sobre a questão do arbítrio em Filipe Melancthon. In: COUTO, Vinicius (Org.). **(In)Tolerâncias religiosas nos Países Baixos**: uma história das reformas religiosas ocorridas antes e durante a Era Dourada (1515-1648). São Paulo: Reflexão, 2020, p. 129-158.

GROTIJ, Hugonis. **Anotationum in Novum Testamentum**, vol. 2. Parisiis: Viduam Gulielmi Pele, 1646.

HARRISON, Everett F. **Comentário Bíblico Moody**, vol. 2 – Mateus a Apocalipse. [trad. Yolanda M. Krievin]. São Paulo: Batista Regular, 2017.

HEMMINGIO, Nicolao. **Commentarius in Epistolam Pauli ad Philippenses**. Vitebergae: [s.n.], 1564.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento – Efésios e Filipenses**. [trad. Valter Graciano Martins]. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

HOLMES, Michael W. From Nestle to the "Editio Critica Maior". In: MCKENDRICK, Scot; O'SULLIVAN, Orlaith. **The Bible as Book**: The Transmission of the Greek Text. London: British Library, 2003, p. 123-137.

João Ferreira de Almeida (Edit.) **A Bíblia Sagrada**: contendo o Velho e o Novo Testamento com referências e na margem algumas palavras segundo o hebraico e o grego. Lisboa: A. E. Barata, 1898.

KEENER, Craig S. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia – Novo Testamento**. [trad. José Gabriel Said]. São Paulo: Vida Nova, 2017.

LIGHTFOOT, J. B. **Saint Paul's Epistle to the Philippians**. Grand Rapids: Zondervan, 1953.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**: baseado em domínios semânticos. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MARTIN, Ralph P. **Filipenses**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1985.

METZGER, Bruce Manning; EHRMAN, Bart D. **The text of the New Testament: Its transmission, corruption, and restoration**. Oxford: Oxford University, 2005.

MOUNCE, William D. **Léxico Analítico do Novo Testamento Grego**. [trad. Daniel de Oliveira]. São Paulo: Vida Nova, 2012.

MUSCULO, Wolgango. **In Divi Pauli Epistolae**. Basileae: Hervagiana, 1578.

NESTLE, Eberhard; ALAND, Barbara; ALAND, Kurt. **Novum Testamentum Graece**: the scholarly edition of the Greek New Testament. 28th ed. [eds. Barbara Aland, Kurt Aland, Johannes Karavidopoulos, Carlo M. Martini, e Bruce M. Metzger]. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 2013.

NIDA, Eugene A. **Toward a science of translating**: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating. Leiden: Brill, 1964.

NIDA, Eugene A.; TABER, Charles R. **The theory and practice of translation**: with special reference to Bible Translating. Leiden: Brill, 1969.

PINTO, Fabrina Magalhães. Lorenzo Valla e Erasmo de Rotterdam: algumas aproximações entre o *De Voluptate* e o *Enchiridion*. In: FÁVERO, Altair Alberto; PAVIANI, Jayme; RAJOBAC, Raimundo (Orgs.). **Vínculos filosóficos**. Caxias do Sul: Educs, 2020, p. 253-270.

REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. **Noções de Grego Bíblico**: gramática fundamental. São Paulo: Vida Nova, 2004.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans J. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción**. Madrid: Akal, 1996.

REU, Michael. **Luther's German Bible**: an historical presentation, together with a collection of sources. St. Louis: Concordia Publishing House, 1984.

ROBINSON, Edward. **Léxico Grego do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

ROTERODAMI, Erasmi. **In Novum Testamentum Annotationes**. Basileam: Inclytam Ravororum, 1527.

ROTERODAMI, Erasmi. **Novum Testamentum omne, ex versione utra**. Lipsiae: Niculaum Uvolrab, 1543.

SCHUMACHER, Heinrich. **A handbook of Scripture study**. St. Louis & London: B. Herder, 1923.

SCRIVENER, F. H. A. **The New Testament in the original Greek**: according to the text followed in the Authorised Version, together with the variations adopted in the Revised Version by the late F.H.A. Scrivener. Cambridge: Cambridge University, 1894.

SWETNAM, James. **Gramática do Grego do Novo Testamento**, vol. 1. São Paulo: Paulus, 2002.

WALLACE, Daniel B. **Gramática Grega**: uma sintaxe exegética do Novo Testamento. [trad. Roque Nascimento Albuquerque]. São Paulo: Batista Regular, 2009.

WESTCOTT, Brooke Foss; HORT, Fenton John Anthony. **The New Testament in the original Greek.** Cambridge / London: Mac-Millan and Co., 1887.

ZANCHII, Hieronimi. **Ind. Pauli Apostoli Epistolas.** Neostadii: Matthaeus Harnisius, 1595.

ZUINGLI, Huldrici. **Ad Philippenses Annotatiuncula.** Fros-chouer: Tiguri apud Christoferro, 1531.